



2

JOSUÉ A ÉSTER

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray



2

JOSUE A ESTER

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

1. [ESDRAS](#)
2. [0 PRIMEIRO RETORNO SOB ZOROBABEL \(538-516 a.C.\)](#)
3. [0 RETORNO SOB A LIDERANÇA DE ESDRAS](#)

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

O Livro de

ESDRAS

C. E. Demaray

Introdução

Tanto no hebraico como no *grego* (Septuaginta), os livros de Esdras e Neemias foram inicialmente combinados em um só texto chamado “O Livro de Esdras” (gr. *Esdras*). Eles foram aparentemente separados, pela primeira vez, na Vulgata Latina, por Jerônimo, em torno de 400 d.C. e, finalmente, receberam uma forma separada até mesmo nas Escrituras Hebraicas. Por causa do íntimo relacionamento dos livros e de suas semelhanças em caráter e origem, parece melhor combinar a discussão deles em um artigo introdutório.

A. Título, Autoria, Data e Composição

Os livros são nomeados primeiramente a partir de suas características principais. Como a história de Esdras é parcialmente contada no livro de Neemias, não é de se surpreender que a forma combinada tenha inicialmente recebido o título de Esdras. Sem dúvida, outro fator foi a tradição persistente de que Esdras era pelo menos o autor responsável pelos livros de 1 e 2 Crônicas e da história combinada de Esdras e Neemias.

O fato do final de 2 Crônicas coincidir verbalmente com o começo de Esdras, sugere a continuidade original destes livros. A partir do memorial de Neemias, que teve a aceitação de quase todos os críticos como original, formou-se uma parte notável do livro de Neemias, e assim vemos uma razão a mais para o título do livro como temos hoje. Mesmo assim, podemos considerar Esdras, ou um “cronista” posterior como o compilador do livro em sua forma final.

Se Esdras foi o compilador destes livros junto com 1 e 2 Crônicas, como muitos estudiosos acreditam, os livros devem ter estabelecido substancialmente as suas formas atuais entre os anos de 430 e 400 a.C. Se, por um outro lado, atribuímos a compilação a um “cronista” posterior, podemos aceitar a data sugerida por vários críticos, 330-300 a.C. Esta data é derivada da ocorrência do nome Jadaia no final de uma lista de sumos sacerdotes em Neemias 12.22. De acordo com Josefo (*Antiq.* xi. 8.4), Jadaia era o sumo sacerdote na época de Alexandre, o Grande, em torno de 330 a.C. Podemos concluir então que os relatos receberam a sua forma atual (exceto pela divisão em dois livros) por volta do final do quinto ou do quarto século a.C.

É especialmente interessante notar os diversos tipos de fontes que têm sido utilizados nos relatos históricos que formam nossos livros de Esdras e Neemias. Eles podem ser listados da seguinte forma:

1. *Memórias pessoais de Esdras e Neemias*, indicadas pelo uso da primeira pessoa: Esdras 7.27 a 9.15, exceto 8.35-36; Neemias 1.1 a 7.5; 12.27-43; 13.4-31. Existem outras seções, que embora não estejam exatamente na forma de memórias, estão aparentemente baseadas diretamente neles, como por exemplo, Esdras 7.1-10; 10.1-44; Neemias 8.10; 12.44-47; 13.1-3¹. A respeito da passagem que contém as memórias de Esdras, Cartledge escreve: “Estes versículos parecem, claramente, ter sido extraídos das memórias do próprio Esdras. Depois que a crítica mais intensa foi feita, até mesmo os críticos mais radicais consideram estes versículos como documentos originais, e do mais elevado valor”². O mesmo é verdadeiro no caso das memórias de Neemias.

2. *Recursos aramaicos*, que consistem principalmente de cartas e

documentos oficiais, tiveram a sua forma original mantida: Esdras 4.8 a 6.18; 7.12-26. O aramaico foi a língua da diplomacia e utilizada em correspondências entre pessoas de diferentes nacionalidades. A autenticidade destas seções aramaicas foi habilmente defendida³, e o caráter da língua foi mostrado, através de uma comparação com os papiros de Elefantina. Ficou comprovado que este é genuinamente um material do século V a.C.⁴

3. *Registros do Templo*, especialmente relativos ao retorno na época de Ciro e à reconstrução do Templo⁵.

4. *Listas ou registros de nomes*, evidentemente derivados de registros públicos, tais como aqueles que eram mantidos no Templo.

Todos estes variados recursos foram reunidos com muito cuidado e habilidade. Eles formam uma narrativa vivida e contínua, centralizada na riqueza da comunidade judaica durante o período da restauração.

B. Conteúdo e Mensagem

O grande tema de Esdras e Neemias é a fidelidade de Deus ao restaurar Judá e Jerusalém após o fogo do exílio ter feito o trabalho de purificação e o remanescente estar pronto para receber uma segunda chance. Três grandes líderes dos judeus são destacados nesta história: Zorobabel, um príncipe da casa de Davi; Esdras, um “escriba hábil na Lei de Moisés”; e Neemias, o copeiro do rei da Pérsia. Através de suas orações e de sua habilidosa liderança, Neemias foi bem-sucedido na tarefa de transformar Jerusalém em uma cidade bastante fortificada capaz de se manter até à vinda do Messias prometido, cerca de quatrocentos e cinquenta anos depois. Três reis persas são destacados na história, e são vistos como instrumentos involuntários nas mãos de Deus para auxiliar na realização dos propósitos divinos: Ciro, Dario e Artaxerxes.

Esboço

I. O Primeiro Retorno Sob Zorobabel (538-516 a.C.), 1.1—6.22

- A. O Decreto de Ciro, 1.1-4
- B. Descrição Geral do Retorno, 1.5—2.67
- C. Começa o Trabalho de Restauração do Templo, 2.68—3.13
- D. A Reconstrução é Interrompida pelos Adversários, 4.1-24
- E. A Reconstrução do Templo é Concluída (520 a.C.), 5.1—6.22

II. O Retorno Sob a Liderança de Esdras, 7.1—10.44

- A. Esdras é Enviado para Ajudar na Restauração, 7.1—8.36
- B. As Reformas de Esdras, 9.1—10.44

- [0 PRIMEIRO RETORNO SOB ZOROBABEL \(538-516 a.C.\)](#)
- [0 RETORNO SOB A LIDERANÇA DE ESDRAS](#)

0 PRIMEIRO RETORNO SOB ZOROBABEL (538-516 a.C.)

Esdras 1.1—6.22

O livro de Esdras contém duas narrativas distintas, separadas cronologicamente por um período de aproximadamente sessenta anos. Os capítulos 1-6 tratam da primeira fase da restauração, durante a qual o Templo foi reconstruído sob a liderança de Zorobabel. Os quatro últimos capítulos narram a história do segundo retorno sob a liderança de Esdras, o escrivão. A sua missão foi a de instruir os seus companheiros judeus na lei de Moisés, a fim de, desta forma, contribuir para o restabelecimento da verdadeira adoração a Deus em Jerusalém. Nessa segunda fase da restauração, Esdras, eventualmente, teve o apoio de um terceiro líder notável, Neemias, cuja história está contada no livro que leva o seu nome.

A. O Decreto de Ciro, 1.1-4

Ciro, o primeiro rei do Império Persa, invadiu a Babilônia em 538 a.C. Um dos seus primeiros atos oficiais foi o de autorizar o retorno dos judeus exilados à Palestina, e a reconstrução do seu Templo em Jerusalém. Acreditamos que isso estava de acordo com a nova política inaugurada por ele com relação a todos os povos desalojados. No rolo de Ciro descoberto no século XIX por Hormuzd Rassam, lemos: “Quanto às cidades além do Tigre, cujas fundações são antigas - os deuses delas eu devolvi aos seus lugares e fiz com que fossem colocados nos seus santuários eternos. Reuni todo o povo e o devolvi às suas moradias”¹.

A redação do decreto, como apresentada em Esdras (1.2-4) concorda exatamente, na sua maior parte, com o relato feito do mesmo decreto em 2 Crônicas 36.22,23, exceto que o relato não fornece o edito completo, como está citado em Esdras. A correspondência

exata dessas duas passagens normalmente se explica pela suposição de que o livro de Esdras, ou mais provavelmente Esdras e Neemias, foram escritos como uma continuação da história dos livros de 1 e 2

Crônicas. A passagem em questão é considerada uma transição entre o segundo livro de Crônicas e Esdras, para terminar uma seção da história e ao mesmo tempo dar início a outra.

Por outro lado, este relato do decreto não corresponde, em texto, àquele citado em Esdras 6.3-5. Ali, o decreto é mencionado como descoberto por Dario entre os registros de Ciro. Uma explicação normal da diferença é a de que o edito, como citado em Esdras 1.24 e em 2 Crônicas 36.22,23, é a forma que assumiu na proclamação pública, de alguma maneira está ajustado ao caráter religioso e à compreensão geral dos hebreus. A passagem no capítulo 6 representa a forma escrita do decreto, conforme foi incluído nos registros oficiais. Isto explicaria o teor religioso de um, em contraste com o caráter secular do outro. Também é notável que o decreto, como citado no capítulo 6, esteja incluído nas partes em aramaico ou no idioma caldeu do livro, em que o aramaico era a linguagem na qual tais registros oficiais eram escritos normalmente.

A referência ao **primeiro ano de Ciro** (1) aplica-se ao seu reinado na Babilônia e fixa a data do decreto em 538 ou 537 a.C. O seu reinado sobre os medos e os persas teve início em 557 a.C. A profecia referente a este fato é encontrada em Jeremias 29.10 (cf. 25.12). Está implícito que os setenta anos previstos por este profeta chegavam agora ao fim. Um meio comum de calcular esse período é o de 606 a 536 a.C.; a data aproximada do primeiro retorno. A época do cativo de Daniel e de seus três amigos foi aproximadamente 606 a.C. (Dn 1.1). Jeoaquim reinou de 608 a 597 a.C.¹

A afirmação de que **despertou o Senhor o espírito de Ciro** nos lembra simultaneamente de duas famosas passagens (Is 44.28 e 45.1-4,13), onde ele é mencionado e até mesmo referido como “o ungido do Senhor”. Ali estava predito que ele libertaria os cativos e que “construiria o templo em Jerusalém”. Josefo sugere que a vontade divina foi dada a conhecer a Ciro por meio dessas passagens de Isaías, que alguns judeus leais levaram ao seu conhecimento². Tenha isso ocorrido ou não, possuímos aqui uma notável predição e um nítido cumprimento; e, além disso, somos lembrados de que Deus tem uma

participação em todos os eventos da história humana. E Ele que impulsiona os homens às boas ações e aos bons pensamentos, e nada mal pode ocorrer sem a sua providência permissiva. Com esta passagem podemos comparar o versículo 5, onde lemos, em linguagem similar, que aqueles “cujo espírito Deus despertou” acompanharam o retorno.

Em uma mensagem sobre “o espírito despertado” baseada nesta passagem, podemos afirmar que: embora não saibamos qual método ou quais meios despertaram o espírito de Ciro, fica claro que: (1) O Senhor tomou a iniciativa. (2) Quer Ciro conhecesse ou não Deus pessoalmente, ou entendesse a implicação dos seus próprios atos e das suas palavras, o Senhor operou em seu coração e em sua mente para que ele fosse generoso e sincero na sua resposta. (3) Os resultados da proclamação de Ciro e dos seus atos subseqüentes tiveram a finalidade específica de tornar realidade o plano de Deus a respeito do retorno de seu povo a Jerusalém, e, conseqüentemente, a restauração do Templo. Traduzindo em termos de vida e ministério cristãos, isso sugere que: (1) Deus sempre toma a iniciativa no processo redentor; (2) Ele tem meios de tornar sua vontade claramente conhecida para nós; (3) nossa resposta deve ser sincera e de todo o nosso coração (na verdade, Deus tem prazer em que isto ocorra); e, (4) nossas palavras e ações, estejamos ou não plenamente conscientes do seu significado, estarão em específica harmonia com os propósitos de Deus, e irão trazer os resultados corretos, *proporcionalmente à amplitude de nosso comprometimento*^{[1](#) [2](#) [3](#)}.

O significado do versículo 4 não é bem claro. Alguns comentaristas interpretaram que foi pedido aos judeus que permaneceram na Babilônia que contribuíssem com fundos para financiar a viagem de volta dos seus compatriotas, e incluía no pedido uma oferta voluntária para o Templo. No entanto, parece mais provável que a frase **e todo aquele que ficar** se aplica a todo o remanescente dos judeus na Babilônia e que **os homens do seu lugar** refere-se mais especificamente aos seus vizinhos pagãos, aos quais se pedia que ajudassem os demais a fazerem a viagem de volta a Jerusalém, incluindo, também, nas suas contribuições, uma oferta espontânea

para o Templo.

B. Descrição Geral do Retorno, 1.5—2.67

1 .A Ajuda Dada aos Judeus que Retornavam (1.5,6)

Ao dar cumprimento ao decreto de Ciro, os chefes das famílias judias iniciaram os preparativos para a longa viagem de volta a Jerusalém, incluindo em sua companhia todos **aqueles cujo espírito Deus despertou** (5). De acordo com os números fornecidos no capítulo 2, cerca de cinquenta mil pessoas tomaram parte neste primeiro retorno. Como Ciro havia requisitado, seus vizinhos os ajudaram com dinheiro e com muitos artigos que seriam úteis na viagem ou na sua nova vida na Palestina.

Bacias de ouro e bacias de prata (9) seriam travessas ou pratos de ouro e prata. Tradutores modernos interpretam as **vinte e nove facas** como os incensários usados para queimar incenso no Templo (cf. Moffatt). **Taças de ouro e taças de prata** (10) parecem ser “recipientes cobertos” (Berk.) em contraste com as **bacias** abertas e semelhantes a pratos do versículo 9.

Alexander Maclaren dá um sentido interessante aos versículos 1-11, ao intitulá-los de “a véspera da restauração”. Em seus esclarecimentos, ele inclui: (1) a verdadeira causa por trás da restauração - **despertou o Senhor o espírito de Ciro**, 1; (2) a profissão de fé deste rei é um exemplo de religião oficial e profunda, 2; (3) poucos dos exilados se importavam o suficiente para voltar, 6; (4) mesmo os utensílios do Templo tornaram-se grandes, por serem testemunhas da grandeza de Deus, 7-11.

3. O Registro daqueles que Retornaram (2.1-67)

É interessante observar o valor dado nestes livros às pessoas ou às famílias que constituíam a comunidade religiosa. A lista começa com as pessoas mais importantes: **Zorobabel (2)** e os seus companheiros, dos quais são mencionados dez; **Jesua**, ou Josué, era o sumo sacerdote (**3.2**); **Neemias** não é o autor nem o assunto do livro que

leva o seu nome, mas um líder anterior com o mesmo nome; **Seraías** e **Reelaías** aparecem na passagem paralela em Neemias 7.7 como Azarias e Raamias; **Mardoqueu**, como Neemias, provavelmente não era o primo de Ester (Et **2.5,6**), mas um homem que tinha o mesmo nome. Os demais da lista não são identificados em qualquer outra parte.

Os versículos 3-19 contêm uma classificação das famílias e clãs dos exilados que retornavam. A maioria dos nomes não é conhecida por outra forma. Os versículos 20-35 dão uma lista por lugares de residência. Aqui encontramos muitos registros de lugares familiares: **Gibar** (ou Gibeão, 20; Ne 7.25), **Belém** (21), **Anatote** (23), Quiriate-Arim (ou Quiriate-Jearim, 25; Ne 7.29), **Ramá** (26), **Betei** e **Ai** (28) e **Jerico** (34) - todos localizados no território de Judá (veja o mapa).

Segue-se uma relação dos sacerdotes e levitas (36-42), e, após esta, são mencionados os de menor importância. Estes incluíam a classe conhecida como **netineus** (43,58), ou serviais do Templo, e outros designados como **os filhos dos servos de Salomão** (55,58), cujos antepassados eram, evidentemente, escravos pertencentes a este rei. Finalmente, há o grupo daqueles cuja genealogia não era conhecida - **não puderam mostrar a casa dos seus pais**, e sua linhagem (59) - cuja conexão com a comunidade dos judeus é incerta. Por razões pessoais ou por causa de uma tradição familiar aceita, esses habitantes na Babilônia decidiram se identificar com os seus amigos judeus. Destes, alguns afirmavam ser **filhos dos sacerdotes** (61), mas foram excluídos **do sacerdócio** (62) porque não cumpriam os requisitos (61-63).

A palavra **tirsata** (63) é um título de respeito aplicado ao governador persa, e aqui se refere a Zorobabel. Acredita-se que o **Urim** e o **Tumim** mencionados no mesmo versículo sejam duas pedras que ficavam no peitoral do sumo sacerdote, e que eram usadas para vaticinar a vontade do Senhor em determinadas ocasiões solenes (Ex 28.30). Supõe-se que tenham sido perdidas na época da destruição de Jerusalém. Zorobabel é representado aqui como advertindo aqueles que eram incapazes de determinar sua ascendência sacerdotal. Eles não teriam permissão para trabalhar no ministério, a menos que os

Urim e Tumim perdidos fossem recuperados, uma vez que eles eram o meio divinamente indicado por Deus para descobrir a sua vontade em assuntos dessa natureza.

E notável que o número de **levitas (40)** era muito pequeno (somente setenta e quatro) se comparado com os **973 sacerdotes (36-39)**. Os levitas realizavam as funções menos dignas nos serviços do Templo, e normalmente eram muito mais numerosos do que os sacerdotes, que eram os verdadeiros descendentes de Arão, o primeiro sumo sacerdote instituído por Deus. Houve um problema semelhante com Esdras, aproximadamente oitenta anos mais tarde (8.15). Foi sugerido que, como os levitas preenchiam as posições mais humildes, eles não enfrentaram o desafio, como fizeram os sacerdotes, de fazer os sacrifícios necessários para suportar a difícil viagem a Jerusalém, e a viver ali sob os rigores da reorganização de uma comunidade⁷. Uma tentação semelhante surge a muitos cristãos nos dias modernos que, por não receberem posições de maior responsabilidade na igreja, julgam que os seus serviços não sejam necessários. “O trabalho mais espetacular não tem uma posição de destaque à vista de Deus”, diz um comentarista, “mas Ele procura a lealdade na posição onde Ele nos coloca, seja ela aparentemente alta ou baixa”⁸.

Os totais dados nos versículos 64 e 65, embora em conjunto atinjam cerca de cinquenta mil pessoas, ainda podem ser considerados pequenos, em comparação com o grande número de judeus que nessa época estavam no exílio na Babilônia e nas províncias vizinhas do Império Persa. A história de Ester, que ocorreu cerca de cinquenta ou cinquenta e cinco anos mais tarde, nos dá uma idéia da grande população de judeus que ainda permanecia, nessa ocasião, na região persa.

C. Começa o Trabalho de Restauração do Templo, 2.68—3.13

1. *As Ofertas Feitas pelos Líderes Judeus (2.68-70)*

Como a reconstrução do Templo era o objetivo principal do primeiro retorno, sob Zorobabel, o primeiro passo seria o de prover os meios

para as operações de reconstrução. Imediatamente depois da sua chegada a Jerusalém, **os chefes dos pais** (68; “cabeças de famílias”) fizeram uma generosa e voluntária oferta para o tesouro do Templo. Em comparação com uma passagem correspondente em Neemias 7.70-72, que se refere ao mesmo acontecimento, vemos que todas as classes da comunidade participaram dessa oferta, desde o governador até o povo comum. A soma dada, quando totalizada e traduzida em termos modernos, segundo uma estimativa⁹, representa um valor entre nove e dez dólares americanos de cada uma das quase cinquenta mil pessoas que fizeram a viagem. Alguns estudiosos julgam que esse total seja um exagero¹⁰, mas é provável que eles não tivessem feito a estimativa com o espírito generoso que Deus reparte entre aqueles que estão totalmente comprometidos com Ele. Aqueles que retornavam a Jerusalém naquela época representavam o remanescente dos fiéis, que eram devotados aos interesses do reino de Deus. Além do mais, eles ofertaram **conforme o seu poder** (69), e pode-se supor que muitos deles foram capazes de acumular recursos consideráveis durante a sua permanência na Babilônia.

2. O Altar Reconstruído, Observa-se a Festa dos Tabernáculos (3.1-6)

Deve-se observar que aqueles que retomavam tinham as devidas prioridades. Mais importante que construir o Templo era restabelecer a verdadeira adoração a Deus, representada pela edificação do altar. A resposta ao medo que sentiam **dos povos das terras** (3) não era em termos de armas ou de fortalezas, mas sim em colocar Deus em primeiro lugar, ao construir de novo o seu altar até mesmo antes de providenciar casas para as suas famílias. **Firmaram o altar sobre as suas bases** significa “colocaram o altar no seu lugar” (Moffatt).

Com relação ao **sétimo mês** (1,6), o mês Tisri (outubro), mencionado como o período em que teve início essa reconstrução, afirma um comentarista:

Era um dos meses mais sagrados do ano, porque nele se realizava, no primeiro dia, a Festa das Trombetas (Nm 29.1); no décimo dia, a grande Festa da Expição (Nm 29.7; Lv 16.29), e no décimo quinto dia a Festa dos Tabernáculos (Lv 23.34-36,39-44; Nm 29.12-38). Seria difícil encontrar um mês melhor para o início de uma obra tão importante¹¹.

Com a construção do altar, sacrifícios regulares eram oferecidos nas épocas indicadas - **as luas novas** (5). Todas as festas foram restabelecidas, começando com a Festa dos Tabernáculos, no décimo quinto dia do sétimo mês, estritamente de acordo com os requisitos da lei de Moisés. Há ênfase sobre a oferta de holocaustos, que, diferentemente da oferta pelos pecados, representava a dedicação do adorador a Deus. Desta forma vemos a sinceridade e a espiritualidade da adoração que tais sacrifícios estabeleciam, embora ainda não estivessem postos **os fundamentos do templo do Senhor** (6).

3. A Colocação dos Alicerces do Templo (3.7-13)

Não foi antes da primavera, o **segundo mês** (8; abril/maio) do **segundo ano** da sua volta, que os judeus, sob o comando de Zorobabel, começaram a tarefa de reconstruir o Templo. Nesse ínterim, houve muita coisa a ser feita. Era necessário contratar pedreiros e carpinteiros; as pedras deveriam ser cortadas e a madeira obtida nas colinas do Líbano. Esta era a mesma fonte da qual Salomão obteve a matéria-prima para o primeiro Templo (2 Cr 2.8,9). Parte do dinheiro necessário para isto conseguiu-se graças à **concessão que lhes tinha feito Ciro, rei da Pérsia** (7). Devido à santidade da tarefa, os levitas foram designados para supervisionar os trabalhadores. **Jesua** (8), ou Josué, era o sumo sacerdote (cf. 2.2; 3.2; Zc 3.1-10).

Com a colocação das últimas pedras do alicerce, realizou-se uma elaborada cerimônia. Os sacerdotes e os levitas, vestidos adequadamente, tocaram suas trombetas e seus címbalos, e os corais entoaram em duas vozes o Salmo 136; “Louvai ao Senhor, porque ele é bom; porque a sua benignidade é para sempre”. **E todo o povo jubilou com grande júbilo** (11), louvando ao Senhor pelo que Ele tinha ajudado a realizar. Houve aqueles (**os velhos**, 12) que não participaram da alegria geral. Os que já tinham vivido o suficiente para ver a glória e a beleza do Templo de Salomão só conseguiam chorar quando viram quão inferior seria o novo santuário. Mas o seu choro foi sufocado pela alegria do povo.

A partir deste acontecimento, podemos ver que “o louvor é sempre

apropriado”, e principalmente nas seguintes ocasiões: (1) Quando Deus começa a atender as nossas orações **-quando... os edificadores lançaram os alicerces**, 10; (2) Quando nos lembramos do amor fiel e eterno de Deus - **ele é bom... a sua benignidade dura para sempre**, 11; (3) podemos desperdiçar as bênçãos de hoje se mantivermos os olhos no passado, 12; (4) Deus pode combinar as tristezas do passado e as alegrias de hoje em uma bênção abundante, 13.

D. A Reconstrução é Interrompida Pelos Adversários, 4.1-24

1. *Uma Oferta de Ajuda é Recusada (4.1-5,24)*

Ao ouvir que Jerusalém era reconstruída e o Templo restaurado, os samaritanos e outros povos das redondezas perturbaram-se. Eles temiam que, se permitissem que os judeus se estabelecessem em Jerusalém, representariam uma ameaça à sua segurança e ao seu poder. Traíçoeiramente, pediram a Zorobabel e Jesua que deixassem que eles ajudassem a reconstruir o Templo, alegando que eles, como os judeus, adoravam o Deus verdadeiro. **Como vós, buscaremos a vosso Deus; como também já lhe sacrificamos desde os dias de Esar-Hadom, rei da Assíria, que nos mandou vir para aqui (2).** (Para os antecedentes da história dos samaritanos, veja os comentários sobre **2 Rs 17.24-32; 19.37**). Quando foram rejeitados, como naturalmente devem ter suposto que seriam, eles imediatamente começaram a atrapalhar os judeus de todas as formas possíveis. **Alugaram contra eles conselheiros (5)** e aparentemente deram uma impressão enganosa sobre os judeus ao rei da Pérsia. Em todo caso, os trabalhos de construção foram interrompidos e não foram reiniciados até quinze anos mais tarde, durante o reinado de Dario.

Muitos estudiosos pensam que a interrupção dos trabalhos de reconstrução do Templo é um simples exemplo da falta de fé por parte daqueles que estavam encarregados da obra. Eles tiveram a autorização de Ciro, a autoridade e a bênção de Deus no início do empreendimento. Eles, como Neemias, deveriam ter continuado firmes no trabalho apesar da Oposição, e Deus certamente teria tornado possível a conclusão do trabalho, conforme haviam planejado.

“Uma frustração desse tipo”, afirma J. S. Wright, “mais de uma vez provou ser eficiente contra aqueles que estão envolvidos na obra de Deus, e levou-os a adotar o caminho mais fácil”¹². Com base em Ageu 1.4, parece que durante esse período de estagnação os judeus se voltaram para a construção e a decoração de suas próprias casas.

2. Exemplos Citados de Oposição Posterior (4.6-23)

Nos versículos **6-23** aparentemente vemos dois exemplos de oposição similar que ocorreram na época de **Assuero (6; Xerxes)** e **Artaxerxes (7)**, reis que governaram no século seguinte (**485-425 a.C.**). Todo o conteúdo de uma carta, escrita a Artaxerxes, é mencionado (**11-16**) juntamente com a resposta enviada pelo rei (**17-22**). Como resultado das acusações, ele deu uma ordem para que fossem interrompidas todas as operações de construção em Jerusalém, uma determinação que, sabemos, foi cumprida pela força. Isto não parece ter algo a ver com a construção do Templo, mas talvez foi uma primeira tentativa de construir as muralhas no início do reinado de Artaxerxes, em aproximadamente **465 a.C.**¹³.

E. A Reconstrução do Templo é Concluída (520 a.C.), 5.1—6.22

1. Ageu e Zacarias (5.1,2)

Não há registro do que ocorreu durante os quinze anos entre 535, o segundo ano do retorno sob Zorobabel, e 520, o segundo ano do reinado de Dario. Zorobabel e Jesua ainda eram os líderes, como na época da interrupção dos trabalhos de construção durante o reinado de Ciro. Surgiram dois poderosos profetas do Senhor, **Ageu** e **Zacarias (1)**, e algumas mensagens destes homens de Deus foram preservadas para nós. Eles acusaram o povo e os seus líderes de deslealdade para com o Senhor, porque construíam as suas próprias casas ao invés de edificar a casa de Deus, conforme lhes havia sido ordenado. Ageu atribuiu a escassez de renda do povo e a seca que acabava com a sua colheita ao pecado do atraso em construir a casa do Senhor:

Vocês esperavam uma rica colheita, e tiveram tão pouco; mesmo o que vocês trouxeram para

casa, eu estraguei. E por quê? Porque (declara o Senhor dos Exércitos) a minha casa ainda está em ruínas, ao passo que cada um de vocês se diverte em sua própria casa. Por isso o céu retém o seu orvalho e a terra retém os seus frutos (Ag 1.9,10, Moffatt).

As mensagens dos profetas surtiram o efeito desejado: **Então, se levantaram Zorobabel, filho de Sealtiel, e Jesua, filho de Jozadaque, e começaram a edificar a casa de Deus, que está em Jerusalém; e com eles, os profetas de Deus, que os ajudavam (2).**

2. Informações Enviadas por Tatenai a Dario (5.3-17)

Uma vez mais, surgiu oposição contra o projeto de construção de Zorobabel. Desta vez, entretanto, ela foi muito menos maligna. O **governador daquém do rio** (Eufrates, 3) era Tatenai, o mandatário da província síria à qual pertencia a Palestina. Ele visitou Jerusalém e fez perguntas diligentes sobre o trabalho que era feito e sobre a autorização que havia sido dada. O seu objetivo, sem dúvida, não era amistoso, mas o extremo cuidado que ele tomou encobriu qualquer má intenção que pudesse ter tido. **Assim lhes dissemos...** (4) provavelmente deve ser interpretado como: “Eles também perguntaram os nomes dos homens que estavam ajudando a reconstruir o Templo”. Tatenai queria incriminar os líderes aos olhos de Dario (cf. 10). O resultado final foi, na verdade, favorável aos trabalhos e não ao seu impedimento. Como o cronista nos conta, **os olhos de Deus estavam sobre os anciãos dos judeus, e não os impediram, até que o negócio veio a Dario (5).**

Tatenai escreveu uma carta a Dario, para explicar cuidadosamente a informação recebida pelos trabalhadores, inclusive fez uma referência ao decreto de Ciro pelo qual a reconstrução do Templo havia sido autorizada e tinham sido prometidos os recursos necessários. Dario deveria determinar se tal decreto realmente existia. Os **afarsaquitais (6)** seriam “seus companheiros, os generais a oeste do Eufrates” (Moffatt). **A casa dos tesouros do rei (17)** era um “depósito para documentos importantes, como também para o tesouro, cf. 6:1” (Berk., fn.).

3. O Decreto de Ciro é Reforçado por Dario (6.1-13)

Pode-se supor que não houvesse esperança, por parte de Tatenai nem de Dario, de encontrar o decreto. Mas quando **buscaram (1)**, ele foi finalmente encontrado, não na Babilônia ou em Susã, mas em **Acmetá (2)**, ou Ecbatana, a capital da Média, onde o imperador costumava passar os meses de verão. O fato de o decreto ter sido encontrado em um lugar tão improvável mostra quão diligente foi a procura, e o quanto a providência divina esteve relacionada com a sua descoberta.

Como resultado da localização do decreto de Ciro, Dario agora promulgou um próprio, e advertiu Tatenai e todos os demais das províncias vizinhas a não molestarem aqueles que estavam envolvidos nos trabalhos. O aviso do rei: **apartai-vos dali (6)** pode ser interpretado como “não se aproximem” (Berk.). Além disso, Tatenai e seus companheiros receberam a ordem de ajudar os judeus de todas as formas possíveis, e que lhes dessem o necessário para a construção, que seria retirado do dinheiro dos impostos, normalmente enviado ao imperador. Eles também deveriam fornecer animais para os sacrifícios no Templo - **para que ofereçam sacrifícios de cheiro suave ao Deus dos céus e orem pela vida do rei e de seus filhos (10)**. Ao invés de retardar o trabalho, como sem dúvida era o que ele pretendia fazer, caso se atrevesse, Tatenai e seus companheiros estavam agora forçados a dar toda a ajuda possível, o que **fizeram apressuradamente (13)**.

4. A Consagração do Templo Restaurado (6.14-18)

Agora que todos os obstáculos tinham sido removidos, a restauração do Templo foi concluída dentro de um período de no máximo cinco anos, o que pode ser considerado um curto espaço de tempo, quando se leva em consideração o tamanho da construção. **O mês de Adar (15)** seria fevereiro/março. As dimensões dadas no decreto de Ciro, e citadas na carta de Dario **(6.3)** não estão completas e talvez não sejam exatas. Isto pode ser devido ao desejo de Ciro de tornar o projeto financiado por ele mais grandioso do que o Templo de Salomão¹⁴. Para o alegre banquete de consagração, sabemos que foram sacrificados **712** animais, incluindo **novilhos, carneiros,**

cordeiros e cabritos (17). Conforme o mandado de Ciro, e de Dario, e de Artaxerxes, rei da Pérsia (14). Embora o Templo tivesse sido reconstruído e consagrado durante o reinado de Dario, o seu sucessor, Artaxerxes, é mencionado aqui por causa de seu decreto, de sessenta anos mais tarde, que permitiu a Esdras devolver o resto dos utensílios sagrados ao Templo **(7.1-26)**. Também é importante mencionar que o sacrifício foi constituído por **doze cabritos...** **segundo o número de tribos de Israel (17)**. Os exilados que retornavam julgavam-se representantes das doze tribos de Israel, e não somente de Judá e Benjamim. Eles reivindicaram o título completo de Israel depois do exílio (cf. Ed **2.2,59,70; 3.1,11; 6.16,21; 7.7,28;passim**; e Ne **1.6; 2.10; 7.7; 9.1;passim**). Eles nada sabiam das “dez tribos perdidas”. **E puseram os sacerdotes nas suas turmas e os levitas nas suas divisões (18);** (cf. Nm **3.8**; e 1 Cr **23-24**).

5. A Celebração da Páscoa (6.19-22)

Logo depois da consagração do Templo vinha a festa anual da **Páscoa (19)**, que nesta ocasião foi comemorada com uma alegria fora do comum. Todos os israelitas, tanto aqueles que tinham retornado do cativeiro como os que tinham permanecido na terra, foram convidados para o banquete, em conjunto com os prosélitos que se apartavam da imundícia das nações da terra, para buscar o Senhor, Deus de Israel.

E celebraram a Festa dos Pães Asmos, os sete dias com alegria, porque o Senhor os tinha alegrado e tinha mudado o coração do rei da Assíria a favor deles, para lhes fortalecer as mãos na obra da casa do Deus de Israel (6.21,22).

[1](#)

A Restauração dos Utensílios Sagrados (1.7-11)

[2](#)

Como o próprio Ciro afirmou na crônica mencionada acima (veja o comentário sobre

[3](#)

1-4), era sua política devolver os deuses dos povos conquistados aos seus próprios santu

0 RETORNO SOB A LIDERANÇA DE ESDRAS

Esdras 7.1—10.44

Entre os capítulos 6 e 7, existe um período de silêncio de pelo menos 58 anos. Não há um registro nas Escrituras de quaisquer eventos que aconteceram na Palestina durante essa época, embora seja possível que Sofonias 1.9-14 e a profecia de Malaquias pertençam a esse período. Os eventos descritos no livro de Ester, naturalmente, pertencem também ao período entre a consagração do Templo e o retorno de Esdras, mas estes somente dizem respeito aos judeus no exílio e não têm relação com a Palestina.

A. Esdras é Enviado para Ajudar na Restauração, 7.1—8.36

1. *Esdras e sua Missão em Jerusalém (7.1-10)*

Esdras... escriba hábil na Lei de Moisés (6) é apresentado como um descendente direto de Arão e descrito como alguém que **tinha preparado o seu coração para buscar a Lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus direitos** (10). Isto realmente é um grande louvor para qualquer servo de Deus, e é uma descrição particularmente apropriada para alguém que, como Esdras, agiria como um intérprete da Palavra de Deus e um professor da Lei em Jerusalém. Os três requisitos de um bom professor são: procurar conhecer, cumprir e só então ensinar. Em termos do Evangelho de Cristo, como um comentarista expressa: “O Novo Testamento ordena que os homens ouçam o Evangelho, obedeçam-no e tornem-no conhecido aos demais”¹. Conseqüentemente, todo cristão é convocado a fazer o trabalho de um Esdras, a fim de tornar a Palavra de Deus conhecida às pessoas de sua própria comunidade.

Esdras evidentemente era tido em alta consideração pelo rei e pode ter tido uma posição especial na corte. Alguns sugerem que ele, provavelmente, tenha galgado uma posição no Império Persa comparável ao secretário de Estado para assuntos dos judeus². Deus

sempre zelou pelo caráter e qualificações daqueles que o servem em cargos oficiais. Consideremos, por exemplo, as notáveis qualificações de Moisés e de Paulo, que teriam posições importantes de liderança no Antigo e no Novo Testamento, respectivamente.

A data da vinda de Esdras a Jerusalém normalmente é fixada em 458 ou 457 a.C., e deriva da referência ao **sétimo ano de Artaxerxes** (7). No entanto, isto é, com frequência, seriamente questionado. Como houve dois reis com o nome de Artaxerxes, muitos pensaram que a referência aqui era ao segundo, cujo sétimo ano de reinado seria 398 a.C. Isto faria com que a chegada de Esdras a Jerusalém fosse posterior à de Neemias, cuja chegada foi fixada definitivamente em 445 ou 444 a.C. O assunto foi amplamente estudado em um livro de J. S. Wright, *The Date of Ezra's Coming to Jerusalem* (Tyndale Press, Londres, 1946). Visto que a prioridade do retorno de Esdras parece estar clara na narrativa das Escrituras, parece razoável aceitar a primeira opção.

2. A Carta e o Decreto de Artaxerxes (7.11-28)

Em resposta a um aparente pedido de permissão de Esdras para empreender uma missão de ensino em Jerusalém, Artaxerxes, o rei da Pérsia, promulgou um decreto, cujo conteúdo ele incluiu em uma carta endereçada ao **sacerdote Esdras** (12). A última parte do versículo 12 é obscura e traduzida simplesmente como “as mais sinceras saudações” (Smith-Goodspeed). Moffatt traduz “saudações, etc.”. A versão *Berkeley* observa que “o autor assim indica uma omissão intencional”. De acordo com esse decreto, Esdras recebeu plena permissão para realizar a viagem a Jerusalém. Ele também recebeu autorização do rei e dos **sete conselheiros** (cf. Et 1.14) a agir como o mensageiro do rei **para fazer inquirição em Judá e em Jerusalém** (14) e para levar aos exilados que retornavam um generoso presente do tesouro do rei para ajudar nos serviços do Templo.

O versículo 19 indica que nem todos os utensílios usados na adoração no Templo tinham sido devolvidos anteriormente (1.7-11). Os remanescentes teriam que ser devolvidos agora. Adicionalmente,

Artaxerxes ordenou a **todos os tesoureiros que estão dalém do rio** (21) que fizessem contribuições de até duzentos mil dólares americanos em prata, 1.150 alqueires de trigo e aproximadamente 3.500 litros de azeite (Berk.). Um convite especial estendeu o decreto a todos os judeus que decidissem acompanhar Esdras nesta missão. Artaxerxes, cuja religião envolvia a adoração de muitos deuses, estava ansioso por garantir as graças do **Deus do céu** (23), como reconhecia que era o Senhor Deus. No politeísmo (a adoração a muitos deuses) sempre há lugar para mais um. A fé de Israel, por outro lado, reconhecia somente o Senhor como Deus e não admitia a existência de nenhum outro.

O versículo 24 talvez seja o primeiro exemplo de isenção de impostos para os ministros. Embora não tivesse a autoridade de um governador, como tinham Zorobabel e Neemias, Esdras recebeu a autoridade para indicar **magistrados e juizes** (25) para agir nos assuntos religiosos. Ele também tinha o poder de infligir a pena de morte, se necessário, a quem se lhe opusesse. No final do capítulo, Esdras louva a Deus por colocar esse desejo no **coração do rei** (27) e por tê-lo inspirado a fazer tão generoso decreto a favor deles.

3. *O Registro daqueles que Retornavam* (8.1-14)

Como no caso do primeiro retorno, com Zorobabel, a lista daqueles que se uniram é cuidadosamente registrada. Segundo essa listagem, cerca de mil e quinhentos homens estavam incluídos no grupo, o que significa que, quando se somam suas famílias e servos, o grupo inteiro poderia atingir algo como cinco mil pessoas. Novamente aparecem nomes familiares. Como o objetivo é fornecer as linhagens das descendências, não há dúvida de que **Finéias** e **Davi (2)**, **Jônatas (6)** e **Joabe (9)** são as pessoas já conhecidas do período anterior da história dos hebreus. **Daniel (2)**, no entanto, e os dois **Zacarias (3,11)** são homens desconhecidos que têm nomes famosos. Os nomes bíblicos, como os de hoje, eram repetidos de geração em geração, particularmente quando pertenciam a algum personagem notável de alguma geração anterior. Parece que houve três homens com o nome de **Elnatã (16)** no pequeno grupo de líderes de Esdras.

Em 7.1,6,7,10; 8.21-23,31,32, vemos algumas das típicas experiências de vida encontradas “quando um homem caminha com Deus”. (1) Uma visão e a preparação para a tarefa, 7.6,10; (2) a superação das dificuldades através dos recursos espirituais, 8.21-23; (3) Testemunhos felizes da libertação divina, 31,32.

4. *Os Preparativos Finais para a Viagem* (8.15-30)

Foi convocada uma reunião - **perto do rio que vai a Aava (15, cf. 31)**, provavelmente não distante da Babilônia - daqueles que iriam fazer a viagem. Aqui é observado que não havia levitas no grupo, embora aparentemente houvesse um bom número de sacerdotes. Uma delegação foi enviada imediatamente para procurar recrutas entre os levitas e os **netineus (17)**, ou servos do templo, que poderiam ser os que assistiram os serviços do Templo quando eles chegaram a Jerusalém. Aparentemente foram encontrados sem dificuldade. Não se sabe onde ficava o **lugar de Casifia**. Algumas vezes, o nome foi relacionado com *Keseph* (hebr. “prata” ou “dinheiro”). **Expressos por seus nomes (20)** - significa “listados por nome” (Berk.).

Enquanto isso, Esdras **apregooou um jejum (21)** e liderou o grupo em uma oração fervorosa a Deus para que Ele os protegesse na perigosa viagem, pois não tinham uma escolta armada. Como ele realizaria a viagem com autorização especial do rei, teria sido apropriado que Esdras solicitasse uma guarda para acompanhá-los, mas ele estava desejoso de provar ao rei que o seu Deus lhes daria a proteção necessária. Esta foi uma excelente demonstração de fé por parte dele, e notamos que a sua fé foi plenamente honrada, pois nenhum mal os afligiu durante a longa viagem de quatro meses (31).

No versículo 22, uma distinção aguda é feita entre aqueles **que buscam** o Senhor e aqueles que **o deixam**, e, da mesma forma, entre a beneficência (“boa mão”) de Deus, a **sua força e a sua ira: A mão do nosso Deus é sobre todos os que o buscam para o bem, mas a sua força e a sua ira, sobre todos os que o deixam**. Ao observar esses contrastes de “caráter humano” e “de tratamento divino”, William Jones, em *The Biblical Illustrator*, chega a duas conclusões:

(1) “Quão solenemente o destino do homem está nas suas próprias mãos, ou, mais adequadamente, nas suas próprias escolhas!” e, (2) “Neste mundo, (somente) o caráter pode ser mudado (Os 14.1,2,4)”³.

Um ato final nos preparativos de Esdras para a viagem foi indicar doze sacerdotes encarregados dos valiosos presentes que seriam levados com eles a Jerusalém para ajudar nos serviços do Templo. “O valor da prata era de 1.300.000 dólares americanos; dos utensílios de prata, 200.000 dólares; do ouro, 3.000.000 de dólares; e das vinte taças de ouro, 5.000 dólares (26,27, Berk.).

5. A Viagem e a Chegada a Jerusalém (8.31-36)

A viagem de quase 1.500 quilômetros (veja o mapa) demorou quase quatro meses, mas, por fim, eles chegaram com segurança a Jerusalém. **A boa mão do nosso Deus estava sobre nós**, escreveu Esdras, **e livrou-nos da mão dos inimigos e dos que nos armavam ciladas no caminho** (31). Depois de três dias de descanso, eles entregaram o rico tesouro que haviam trazido consigo àqueles que estavam encarregados do Templo. Como era o costume, eles sacrificaram na companhia de seus amigos em Jerusalém muitos animais no pátio do Templo, como uma expressão de sua gratidão a Deus e de sua dedicação à vontade do Senhor para com eles nos dias futuros. **Os sátrapas do rei** (36, mensageiros) foram enviados aos **governadores de aquém do rio** (mandatários persas das redondezas), para entregar-lhes as ordens do rei. No devido tempo, eles garantiram que os judeus e a casa do Senhor em Jerusalém receberiam a ajuda e o apoio deles.

B. As Reformas de Esdras, 9.1—10.44

A viagem a Jerusalém fora realizada por Esdras, como sabemos, com o objetivo de ensinar ao povo a Palavra de Deus. É bem possível que nessa época não houvesse cópias adequadas da Lei disponíveis à população, nem mesmo no Templo em Jerusalém, que fora restaurado e consagrado aproximadamente sessenta anos antes da chegada de Esdras. Acredita-se que, embora a Lei existisse desde os tempos de Moisés, houvesse poucas cópias, talvez, somente uma durante a maior

parte do tempo. Esse único texto, zelosamente guardado pelos sacerdotes e, nos últimos tempos, conservado no santuário do Templo. Isto explicaria o estranho relato de quando Hilquias, o sumo sacerdote, encontrou o livro da lei, em 2 Reis 22.8-23.3.

Durante o período do exílio, Esdras tinha se dedicado diligentemente ao estudo da lei e tinha adquirido um grande entusiasmo para ensiná-la aos seus compatriotas. Temos o melhor exemplo de tal ensino por sua parte em Neemias 8. Aqui, com a ajuda dos levitas, ele lê e interpreta a lei para as pessoas reunidas na praça pública de Jerusalém, por longos períodos. A história que nos chega nos capítulos 9 e 10 de Esdras está restrita a somente uma fase de suas reformas, e não deve ser encarada como um quadro completo do trabalho que Esdras realizou em Jerusalém durante os quinze anos ou mais de sua atividade na cidade.

1. A Tristeza de Esdras pela Negligência Moral (9.1-4)

Conhecedores do zelo de Esdras pela lei e o seu desejo de vê-la obedecida por seu povo, alguns dos líderes judeus de Jerusalém contaram-lhe um problema que aparentemente já lhes tinha causado grande preocupação. O povo não se mantivera afastado de seus vizinhos pagãos como fora aconselhado fazer segundo a lei de Deus. Muitos deles tinham se casado com pessoas que pertenciam a famílias de nações vizinhas. A referência à **semente santa** (2) significa “a raça sagrada se misturou com os povos da terra”. Entre eles estavam alguns que eram considerados seus líderes - **a mão dos príncipes e magistrados foi a primeira nesta transgressão.**

Ao ouvir essa notícia, de acordo com o conhecido costume oriental, Esdras rasgou a sua veste para mostrar sua enorme tristeza e, até mesmo, **arrancou os cabelos da sua cabeça e da sua barba** (3). Este comportamento chamou a atenção de muitos dos judeus que se reuniram ao seu redor, alguns por mera curiosidade, mas outros para compartilhar a sua dor. Neste estado de espírito, ele ficou **assentado atônito** (4; espantado ou consternado) no pátio do Templo até a hora do **sacrifício da tarde.**

Para uma mente ocidental, essa descrição do pesar de Esdras parece enormemente exagerada; mas ela serve para ressaltar a grave natureza do pecado e o horror com que ele é encarado pelos verdadeiros filhos de Deus. Esdras, aqui, era um representante da Lei para o povo, e era muito apropriado que ele demonstrasse como abominava essa desobediência geral da nação.

2. *A Oração de Esdras (9.5-15)*

Na hora do **sacrifício da tarde** (5), Esdras deixou a sua tristeza, que o tinha mantido ocupado durante horas. Com as roupas rasgadas ele se ajoelhou perante Deus para orar pelos seus compatriotas pecadores. Essa oração de humilde confissão e de fervorosa intercessão a favor daqueles que tinham pecado é uma das notáveis orações das Escrituras. Esdras começa com uma expressão pessoal de vergonha, porque ele se identifica com os seus irmãos pecadores. A seguir, ele faz uma exposição da história de seu povo como uma longa história de quedas (pecados) e transgressões, pelas quais foi necessária a punição de Deus, o qual permitiu que eles fossem levados cativos por nações gentílicas (de não judeus). A expressão **confusão do rosto** (7) pode ser traduzida como “desgraça completa”. Agora, em sua providência, Deus havia abrandado os corações dos reis persas e tornado possível o retorno dos judeus à sua própria terra. **Uma estabilidade no seu santo lugar** (8; hebr., “prego”, “cravo”, ou “estaca de tenda”) - o significado é que Deus lhes havia proporcionado um lugar de segurança. **Nos desse uma parede** (9) não se refere literalmente às muralhas de Jerusalém. Elas foram reconstruídas mais tarde, sob o comando de Neemias. A frase aqui é uma expressão figurada que significa “ter proteção” (Berk.). Será possível que, apesar da bondade do Senhor, eles serão novamente culpados de tal pecado? Finalmente, com o reconhecimento da justiça de Deus, ele deixa o povo nas mãos do Senhor para fazer com eles o que julgar adequado. **Sobrevivemos** (15) significa “nós somos o remanescente que escapou” (Smith-Goodspeed).

Nos versículos 5-15 podemos ver “uma oração de penitência”. (1) Uma confissão da culpa do grupo, quando uma pessoa se identifica com o

seu povo, 5,6; (2) nós não acreditamos e fomos punidos no passado, 7; (3) Deus, no passado, mostrou uma graça maior do que os nossos pecados anteriores, 8,9; (4) com conhecimento, pecamos outra vez, 10-14; (5) nós somente podemos confessar, mas é o que fazemos, 15.

3. *A Proposta de Secanias* (10.1-5)

Enquanto Esdras orava, um grande grupo de pessoas se aproximou para compartilhar o seu pesar. Um deles, **Secanias** (2) agiu como porta-voz do grupo. Ele sugeriu a Esdras fazer um concerto, segundo o qual todos aqueles que tivessem se casado com mulheres estrangeiras receberiam o pedido de separar-se delas, inclusive dos filhos nascidos dessas uniões. Esta sugestão, vinda de um representante do povo, agradou a Esdras. Ele imediatamente convocou os maioraes dos sacerdotes e os levitas, de quem exigiu que **jurassem** (5), em nome de toda a nação de Israel, que isso seria feito⁴. **Pertence-te este negócio** (4), ou seja, “é sua responsabilidade” (Berk.).

Para muitos comentaristas, as medidas tomadas por Esdras para corrigir o mal parecem extremamente rigorosas. “Esdras fez com que eles jurassem”, observa o professor Rogers, “fazer essa coisa bárbara, cruel, atroz. Oh, religião, que crimes foram cometidos em seu nome!”⁰. E, com relação ao versículo 6, ele diz “Esdras afastou-se para chorar e jejuar, não de pena das pobres mulheres e crianças que iriam sofrer, mas porque esses casamentos tinham acontecido. Um pouco mais de misericórdia e piedade teriam feito com que ele se parecesse um pouco mais com um ser humano”⁶.

Este tipo de crítica comete uma grave injustiça para com Esdras, que certamente agia com a maior sinceridade e, sem dúvida, sob o estímulo direto do Espírito de Deus. Também revela pouco entendimento da diferença entre o tratamento de Deus no Antigo e no Novo Testamento. É provável que no período neotestamentário um procedimento diferente tivesse sido aplicado. Ainda assim, por mentirem para o Espírito Santo, Ananias e Safira foram mortos (At 5.1-10). Uma vez mais, é ressaltada a gravidade do pecado e é enfatizada a certeza do castigo de Deus. E verdade que na punição

ao pecado, descrita neste capítulo, exigiu-se que os inocentes sofressem, mas esta é a lei da vida que nunca pode ser completamente evitada.

4. *A Tomada das Medidas Finais* (10.6-17)

Como resultado da proposta de Secanias (2-4) e do juramento feito pelos líderes entre os judeus de Jerusalém (5), Esdras aparentemente tinha, agora, toda a cooperação dos seus compatriotas para tomar medidas severas contra aqueles que tinham desobedecido à lei, ao casarem-se com esposas estrangeiras. Na verdade, existem, na narrativa a seguir, somente quatro mencionados como contrários a essas medidas. Eles estão registrados no versículo 15 como os que **se puseram sobre esse negócio**. As versões revisadas concordam em traduzir como “foram contrários” (cf. Berk.). Entretanto, havia muito a ser feito antes que a decisão de Esdras e dos líderes judeus pudesse ser finalmente colocada em prática.

Esdras ainda estava triste pelo pecado do povo e desejava estar em sua melhor forma quando tratasse esse assunto importante com eles. Ele se retirou à câmara de um certo **Jeoanã** (6), homem de posição sacerdotal, e lá jejuou e sem dúvida passou muitas horas em oração a Deus para pedir a sua orientação específica. No dia seguinte, uma convocação foi enviada **segundo o conselho dos príncipes e dos anciãos** (8) a todos os judeus da província de Judá para uma reunião em Jerusalém dentro de três dias. A ausência significaria o confisco das propriedades e a excomunhão da congregação dos judeus.

Foi uma medida rigorosa, mas aparentemente eficaz. Apesar do clima inclemente do **nono mês** (dezembro), **todos os homens de Judá e Benjamim, em três dias, se ajuntaram em Jerusalém** (9). A expressão **a praça da casa de Deus** significa “a praça aberta diante da casa de Deus”. Em resposta ao urgente apelo de Esdras para que confessassem os seus pecados e se separassem dos pagãos e das suas esposas estrangeiras, eles disseram, como uma única voz: **Assim seja; conforme as tuas palavras, nos convém fazer** (12). Entretanto, eles pediram o privilégio de que a execução do assunto fosse deixada a cargo dos líderes da congregação em Jerusalém, e prometeram que os

culpados viriam a Jerusalém quando fossem chamados, acompanhados pelos anciãos e juizes que oficiavam nas suas próprias cidades. Esse privilégio lhes foi concedido, e organizou-se uma corte de divórcio, com Esdras na liderança. Dentro de três meses esse tribunal julgou todos os casos trazidos à sua atenção. No entanto, o fato de que os casamentos com mulheres estrangeiras não estavam totalmente acabados é evidente pelo fato de Neemias ter tido que lidar com o mesmo problema no período de seu governo (Ne 13.23-31).

5. *O Registro dos Culpados* (10.18-44)

Agora é apresentada uma longa lista dos considerados culpados do casamento com esposas estrangeiras - 114 no total. Não menos do que 17 sacerdotes estavam incluídos, além de levitas, cantores e porteiros do Templo, para mostrar que muitos dos líderes religiosos envolveram-se nessa violação da lei. Alguns dos sacerdotes culpados eram, evidentemente, parentes próximos de Jesua, o sumo sacerdote, que tinha retornado com Zorobabel. “Na verdade”, observa o Dr. Samuel Schultz, “uma comparação de Esdras 10.18-22 com 2.36-39 indica que nenhuma das ordens dos sacerdotes que voltaram estava livre do casamento entre as raças”⁷. No entanto, todos eles **deram-se as mãos**, ou seja, se comprometeram a **despedir suas mulheres** (19).

Com esta séria nota chega ao fim o livro de Esdras, mas a história de seu trabalho continua em Neemias 8-10. Podemos supor que cenas semelhantes às que vimos aqui devem ter sido testemunhadas em outras ocasiões durante os treze anos, ou mais, passados desde a vinda de Esdras a Jerusalém. O episódio relativo às esposas estrangeiras foi necessário para limpar o caminho para o verdadeiro trabalho que Esdras veio realizar⁸. Podemos ver o resultado deste empenho no entusiasmo com que o povo pedia a leitura da lei (Ne 8:1). Além disso, a cooperação dada a Neemias durante a construção dos muros de Jerusalém só pode ser adequadamente explicada com base no amor e no serviço a Deus, nascido de um verdadeiro conhecimento de seus preceitos e uma conseqüente experiência de graça no coração.

Notas

INTRODUÇÃO

¹ Cf. W. O. E. Oesterley e T. H. Robinson, *An Introduction to the Books of the Old Testament* (Nova

York: The Macmillan Co., 1934), p. 125; J. E. McFadyen, *Introduction to the Old Testament* (Londres: Hodder and Stoughton, Publishers, 1905), p. 338.

² S. A. Cartledge, *A Conservative Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids, Michigan:

Zondervan Publishing House, 1943), p. 102.

³ E. Meyer, *Die Entstehung des Judenthums* (Halls, 1896), pp. 8-71. Cf. R. H. Pfeiffer, *Introduction to*

the Old Testament (Nova York: Harper and Brothers, 1941), p. 823; E. Sellin, *Introduction to the Old Testament* (Londres: Hodder and Stoughton, 1923), p. 239; e T. W. Davies, *Ezra, Nehemiah and Esther*, “The New Century Bible” (Nova York: Oxford University Press, s.d.), pp. 13ss.

⁴ Veja a obra de Merrill F. Unger, *Archaeology and the Old Testament* (Grand Rapids, Michigan:

Zondervan Publishing House, 1954), p. 307.

⁵ Davies, *op. cit.*, p. 12.

SEÇÃO I

¹ Conforme citação de J. C. Muir, *His Truth Endureth* (Filadélfia: National Publishing Co., 1937),

p22, e de A. C. Rawlinson, *Cuneiform Inscriptions of Western Asia* (Londres, 1861-84), V, 35. Cf. J. B. Pritchard, *The Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1950), p. 316.

² Se o decreto de Ciro é de 538 ou 537 a.C., o verdadeiro retorno sob Zorobabel teria acontecido

possivelmente no ano de 536 a.C. Outro modo de calcular os setenta anos é entender a data inicial como 586 a.C., que corresponderia à destruição do Templo, e prosseguindo até à consagração do Templo restaurado em 516 a.C.

³ Josefo, *Antiquities of the Jews* XI. 2 (Josefo, “Loeb Classical Library”, Harvard Univ. Press,

1958, VI, 315 e seguintes).

⁴ Descrição sugerida pelo Dr. J. F. Leist.

⁰ Esta identificação não é, de forma alguma, aceita universalmente. Uma prática comum entre os comentaristas recentes é a de considerar Sesbazar como o primeiro líder, cujo lugar foi tomado por Zorobabel pelo menos em 520 a.C. Alguns o identificam com Senazar, um tio de Zorobabel (1 Cr 3.18), o que justificaria o título “príncipe de Judá” (v. 8). O assunto é discutido de forma rápida, porém satisfatória, por Samuel Schultze, na obra *The Old Testament Speaks* (Nova York: Harper Bros., 1960), p. 257, n. 5. Veja também o comentário de Dummelow sobre Esdras 1.8 na obra *The New Bible Dictionary* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), p. 1176; e a obra de J. P. Free, *Archaeology and Bible History*, (Wheaton, 111.; Van Kampen Press, 1950), pp. 237-38, para pontos de vista variados.

⁶ Veja H. E. Ryle em *Cambridge Bible*, XIII, 12ss. e compare com o comentário de Matthew Henry

sobre Esdras 1.8.

⁷ J. S. Wright, “Ezra”, *The Biblical Expositor* (Filadélfia: A. J. Holman Co., 1960), I, p. 380.

⁸ Wright, *loc. cit.*

⁹ *The Holy Bible*, Berkeley Version (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House), p. 484.

¹⁰ Cf. R. W. Rogers, “Ezra and Nehemiah”, *Abingdon Commentary* (Nova York: Abingdon-Cokesbury

Press, 1929), p. 464.

¹¹ Rogers, *op. cit.*, p. 465.

¹² Wright, *op. cit.*, p.381. Cf. George Williams, *The Students Commentary on the Holy Scriptures*

(Grand Rapids, Mich.: The Kregel Publications, 1960), p. 260.

¹³ Cf. *The New Bible Commentary* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953),

p. 368. Comentaristas mais antigos, como Clarke e Henry, igualaram esses reis a Cambises e Gomates (pseudo-Smerdis), que reinaram durante o período entre Ciro e Dario, mas essa identificação é muito improvável. O rei mencionado como **Osnapar** no versículo 10 era aparentemente Assurbanipal, um dos últimos reis da Assíria, que é conhecido por ter dado continuidade à colonização de Samaria, iniciada em grande escala por Esar-Hadom (2).

¹⁴ De acordo com as dimensões dadas no versículo 3, e supondo que o côvado fosse o mesmo usado

no Templo de Salomão, a construção teria seis vezes o tamanho da anterior. Houve a sugestão de que uma das três dimensões teria sido esquecida por um escriba, e que o número sessenta tenha sido repetido por um erro de mesma natureza. O Templo de Salomão tinha 60 côvados de comprimento, 30 de altura e 20 de largura (1 Rs 6.2). O pórtico diante do edifício, no entanto, de acordo com 2 Crônicas 3.4, media na verdade 120 côvados de altura (aprox. 55 metros). Não é razoável imaginar - tendo em vista Esdras 3.12 e Ageu 2.3 - que o Templo reconstruído tenha sido maior do que o de Salomão.

¹⁶ Certamente parece estranho aplicar a Dario, o rei da Pérsia, o título de **rei da Assíria** (22), como usado nesta passagem, mas ele parece ter sido deliberadamente usado para indicar que o rei da Pérsia agora havia compensado os crimes praticados contra o povo de Deus, que tinham começado quando o rei da Assíria levou o reino do norte ao exílio. Dario era o rei da Assíria, no sentido de que ele agora reinava sobre o que havia sido a Assíria.

SEÇÃO II

¹ Geo. Williams, *op. cit.*, p. 261.

² Wright, *op. cit.*, p. 383.

³ Vol. XI, “Ezra”, p. 57.

⁴ Cf. L. W. Batten, *The Books of Ezra and Nehemiah* (“International Criticai Commentary”;

Edinburgh: T & T Clark, 1913), p. 341.

⁵ R. W. Rogers, *op. cit.*, p. 469.

⁶ *Ibid.*

⁷ Samuel J. Schultz, *The Old Testament Speaks* (Nova York: Harper & Brothers, 1960), p. 268.

⁸ Cf. *Twentieth Century Bible Commentary* (ed. por G. H. Davies *et al.*, Nova York: Harper &

Brothers, 1955), p. 226.

Comentário Bíblico

n a n/AAT

Chester O. Mulder R. Clyde Kidall W. T. Purkiser Harvey E. Einley Robert L. Sawyer C. E. Demaray

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Josué a Ester

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0686-3

9788526 306868